



Controle e Visibilidade: Análise do caso Egito e Facebook.¹

Tatiane Regina MORAES²

Thiago BODRUK³

Gustavo Guilherme LOPES⁴

Faculdade Internacional de Curitiba, Curitiba, PR

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre visibilidade e controle, tomando como referência os manifestos contra o regime ditatorial egípcio, promovidos por usuários de todo o mundo por meio da *internet*. A questão norteadora deste trabalho é: a troca de ideias na *internet*, somada à convergência das demais mídias, exerce influência relevante no mundo pós-moderno? O objetivo deste trabalho é analisar a influência que a troca de ideias na rede exerce no mundo real. Para a realização deste trabalho será realizada a revisão das obras de Santaella, Castells, Jenkins, Thompson, Levy, e também a análise de caso dos manifestos realizados contra o regime ditatorial egípcio, através do Facebook, em janeiro de 2011.

PALAVRAS-CHAVE: facebook; egito; sociedade; convergência; visibilidade.

Entendendo a crise no Egito

O mundo acompanhou durante os primeiros meses de 2011, uma das maiores movimentações política da história, ocorrida no Egito, desencadeada pela troca de informações em *sites* de redes sociais. O portal de notícia Folha.com publicou em 28 de janeiro uma matéria (PRESSE, 2011) intitulada “Movimento anti-Mubarak teve início na internet”. Segundo a reportagem, o Movimento 6 de abril, que reuniu jovens que contestavam o regime do presidente Hosni Mubarak, nasceu na rede social Facebook e saiu do ambiente virtual do *site* para as ruas do mundo real. O nome do grupo faz referência a outras manifestações publicadas na *internet* em abril de 2008, período em que grupos de esquerda promoveram uma das maiores manifestações contra o presidente desde que este assumira o poder em 1981, desencadeando uma série de manifestos por meio da *Web*. Os principais fatores que levaram a mobilização da população contra o regime de Mubarak foram: a corrupção, a inflação e as altas taxas de desemprego (VEJA, 2011a).

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 - Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 4º período do Curso de Produção Editorial e Multimídia da Faculdade Internacional de Curitiba, e-mail: tatiremoraes@gmail.com.

³ Coautor do trabalho. Estudante de Graduação 7º período do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Internacional de Curitiba, e-mail: thiagobodruk@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Internacional de Curitiba, e-mail: glopes@facinter.br.



As principais causas da insatisfação da população ao regime de Mubarak podem ser notadas em dados estatísticos relevantes sobre o país. Segundo dados apresentados no site da Revista Veja (2011b) o país é considerado um dos mais povoados do mundo árabe com 80 milhões de habitantes, sendo a maior parte constituída por jovens. Em seu aspecto educacional um terço da população não sabe ler ou escrever. O país possui uma renda *per capita* de US\$ 2.771. A cada dois egípcios um vive com menos de dois dólares por dia, o que corresponde a 44% da população em situação que beira a miséria. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o Egito ocupa o 110º lugar no *ranking* mundial do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), e tem os piores índices de desemprego da região.

Graças à troca de mensagens pela rede social Facebook, o Movimento 6 de Abril foi se ampliando rapidamente. De acordo com Presse (2011) esse movimento não teria surgido por ligações a algum partido político. Seus primeiros adeptos eram jovens com alto nível de educação que se vestiam de preto em sinal de protesto. Eles trocavam informações por meio da rede, mas também realizavam suas convocações utilizando um alto-falante gigantesco. Este grupo também apoiou o chamado de Mohamed El Baradei, ex-diretor da Agência Nuclear da ONU (AIEA), para “transformar o sistema egípcio em um sistema democrático que garanta a justiça social” (PRESSE, 2011).

As ideias trocadas entre estes manifestantes através do Facebook foram ganhando aceitação de grupos representantes de setores menos favorecidos da população, entre eles o movimento *Kafaia*⁵ responsável pelas primeiras manifestações em dezembro de 2004. De igual forma, membros de partidos opositores do governo, como a Organização Islâmica dos Irmãos Muçumanos, também apoiaram estes ideais.

O fim do regime do presidente tunisiano Zine El Abidine Bem Ali, ocasionado por revolta popular, foi um grande estímulo para o Movimento 6 de abril, que convocou cerca de 86 mil membros registrados na *internet* a se mobilizarem, gerando manifestações públicas em massa em várias cidades do Egito. Quando o grupo lançou um chamado por uma “jornada da ira” bloquearam a *internet*, paralisando as redes de telefonia celular (PRESSE, 2011). Em entrevista à Folha.com (LORETO, 2011) um jovem egípcio, estudante da USP, tendo seu nome preservado em sigilo por questões de segurança, relatou que os protestos foram planejados há um ano pela *internet* e por isso a organização dos protestos não havia sido prejudicada, apesar do bloqueio da *internet* e das redes de telefonia celular.

⁵ *Kafaia* significa “Basta!” em árabe.



Em 11 de fevereiro de 2011, após 18 dias de protestos intensos, a notícia corre o mundo: o ditador Hosni Mubarak, depois de comandar uma ditadura durante 30 anos, renunciara a presidência do Egito. A notícia foi anunciada pelo vice-presidente egípcio Omar Suleiman na TV Estatal. Após esta notícia, centenas de milhares de egípcios celebraram a ocasião na Praça Tahrir, epicentro das manifestações (NOTÍCIAS, 2011).

Movimentações sociais *on-line*

Conforme menciona Castells (1999, p.4), as teorias sociológicas identificam a “geração de conhecimentos e processamento da informação como as bases da nova revolução sócio-técnica” com o objetivo de interpretar as transformações estruturais das sociedades. Os efeitos desta revolução informacional são capazes de produzir fortes impactos sobre as pessoas e desencadear um processo de mudança da estrutura organizacional da sociedade.

Em entrevista à revista *Época* (SORG, 2011), o jornalista, pesquisador e autor do livro *The net delusion: the dark side of internet freedom*, em tradução livre “Desilusão com a rede: o lado obscuro da liberdade na internet”, Evgeny Morozov compartilha sua visão sobre o ativismo digital ocorrido no mundo árabe. Segundo o jornalista, a *internet* tem um poder limitado. O caso do Egito foi algo oportuno e possível, pois o governo não tinha o controle sobre esse meio de comunicação, deixando livre um canal para que a mobilização popular viesse a acontecer.

De acordo com o jornalista, a inabilidade da Tunísia, Egito e Líbia em dominar a *internet* está relacionada à forma de seus próprios regimes, não adaptados à globalização. Isto explica porque os egípcios não foram capazes de controlar os grupos anti-Mubarak no Facebook. O jornalista cita também Rússia e China, países de regimes mais modernos, globalizados e adeptos ao controle. Caso essas mobilizações tivessem ocorrido na China seriam monitoradas desde o começo, e não teriam durado muito tempo.

Segundo Castells (1999), os que detêm o poder na sociedade são os que dominam e controlam o conhecimento e a informação, os dominados são os alienados. Já não é mais possível conceber a sociedade pós-moderna desta forma. As tecnologias da informação interagem profundamente com o sistema social, determinando o efeito retroativo das consequências sociais de suas aplicações. Surge, portanto um novo paradigma para a análise das teorias sociais, o paradigma tecnológico, que obriga analisar as teorias em termos de relações sociais, superando várias esferas institucionais da ação social. Ocorre uma mudança



de poder na sociedade, em que a detenção da técnica e da ciência das tecnologias é por si mesmas fontes de poder, assim o Estado é o detentor maior de um poder relativo, pois o desenvolvimento de uma sociedade e sua supremacia em relação às demais estão relacionados “com sua capacidade de difundir e intercambiar informações e relacioná-las com o resto do mundo” (CASTELLS, 1999, p.12).

Castells (1999) menciona também uma das primeiras manifestações mais notórias do potencial dos dispositivos de comunicação: os protestos eletrônicos de estudantes chineses no exterior, realizados por meio de redes de computadores, contra os acontecimentos da Praça Celestial na China em 1989. Segundo Castells, o advento da computação pessoal e a comunicabilidade de redes estimularam o desenvolvimento do Sistema de Boletins Informativos (BBS), na época um sistema informático, como a *internet* hoje, que não precisava de redes de computadores sofisticadas, apenas *PCs*, *modems* e linhas telefônicas. Por este motivo tornaram-se quadros de avisos eletrônicos de todos os tipos de interesses e afinidades, como os fóruns de discussões, chamados por Howard Rheingold citado por Castells (1999, p. 378) de “comunidades virtuais”.

De acordo com Turkle (1997) citado por Santaella (2003, p.72) há uma dualidade entre euforia e disforia frente a estas manifestações no ciberespaço. As mobilizações sociais mediadas pela rede e suas articulações argumentativas são movidas supostamente por discursos eufóricos, que criam uma perspectiva da internet como um meio totalmente livre, no qual se pode exercer o poder social sem repressões nem consequências, dando origem a ideologias utópicas sobre possibilidades de movimentos revolucionários.

A rede e a nova visibilidade

A sociedade contemporânea está interconectada. Conforme menciona Thompson:

[...] com o desenvolvimento da comunicação mediática a visibilidade está livre das propriedades espaciais e temporais do aqui e agora. A visibilidade das pessoas, suas ações e acontecimentos estão libertos do compartilhamento de um solo comum. (THOMPSON, 2008, p.20).

Eventos ocorridos em um local específico podem influenciar, de forma direta ou indireta, quaisquer outros lugares. Graças às novas tecnologias a sociedade interligou-se por meio de redes globais de comunicação (CASTELLS, 1999). Esta interconexão global potencializou a convergência das mídias (JENKINS, 2009). Informações publicadas na rede e disseminadas também em outros meios de massa como a televisão ou o jornal reforçam as



ideias, agregando importância aos fatos. Essa narrativa imerge os indivíduos na realidade apresentada, construída a partir de informações recebidas de forma transmidiática.

A era pós-moderna, denominada por Santaella (2003) como era digital, é caracterizada pelo surgimento de comunidades virtuais e também pela construção da inteligência coletiva, que de acordo com Levy (1996, p.129) citado por Santaella (2003, p.106) é composta por “objetos que rolam entre os grupos, memórias compartilhadas, hipertextos comunitários para a constituição de coletivos inteligentes”. Jenkins (2009, p.30) reforça este conceito: “nenhum de nós pode saber tudo; cada um de nós sabe alguma coisa; e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades”.

Com o advento da *internet*, e posteriormente da *Web*, as relações sociais alcançaram um novo patamar de interações, uma nova visibilidade. Esta nova perspectiva traz consigo diversas implicações econômicas, sociais e políticas. Dentre estas, conforme explica Thompson (2008, p.20), podemos destacar os impactos da nova visibilidade para o poder político. Graças ao advento de novas tecnologias (PRIMO, 2009) qualquer evento da sociedade passa a ter visibilidade desterritorializada. As novas tecnologias configuram a inversão do panóptico proposto por Foucault (1977):

Enquanto o Panóptico faz com que muitos estejam visíveis para poucos, a mídia permite que poucos estejam visíveis para muitos: graças à mídia, basicamente aqueles que exercem o poder, mais do que aqueles sobre os quais o poder se aplica, é que estão sujeitos a um novo tipo de visibilidade. Essa nova visibilidade é muito diferente do tipo de espetáculo que Foucault identificou no mundo antigo e no *ancien régime*, pois a visibilidade mediada de indivíduos, ações e acontecimentos está agora separada da necessidade de compartilhar um domínio. (THOMPSON, 2008, p.27).

Neste novo cenário qualquer indivíduo em posse de uma câmera fotográfica e conectado à rede pode compartilhar e consumir informações (TOFFLER, 1980) enviadas pelos demais usuários conectados à rede, independente de sua localização. As novas tecnologias de mobilidade contribuíram para a ampliação desta visibilidade, possibilitando que esta troca de informações aconteça a partir de qualquer lugar.

Todavia, embora a rede tenha revolucionado a forma como pensamos, criamos e interagimos com as informações, ela está longe de “emergir como um reino inocente” (SANTAELLA, 2003, p.75) ou de “inaugurar uma nova era emancipadora”, uma vez que esta revolução “nada modifica a identidade e natureza do montante cada vez mais exclusivo e minoritário daqueles que detêm riquezas e continuam no poder”. A partir do ideal de McLuhan (2005): “o meio é a mensagem”, é possível concluir que a rede comunica ao mundo



a ideia de revolução, mas para que haja mudanças reais na sociedade esta revolução precisa ocorrer nos interlocutores da mensagem, e não apenas no meio.

Considerações Finais

As relações sociais, políticas e econômicas do cenário mundial pós-moderno mudaram consideravelmente em relação às primeiras décadas do século XX. A extensão das redes globais de comunicação e o advento de novas tecnologias alterou a lógica destas relações, modificando também a forma com que as pessoas pensam, produzem e compartilham informações (JENKINS, 2009). Estas relações em rede democratizaram o direito de expressão, possibilitaram a construção da inteligência coletiva (LEVY, 1996) e o surgimento de comunidades virtuais. Estes grupos fazem uso da internet, um ambiente livre de censura, para organizar atividades e movimentos em prol de seus objetivos.

Os protestos contra o regime de Mubarak no Egito ilustram com clareza o poder que a *internet* tem de conectar pessoas e reforçar seus ideais por meio da troca de informações. A rede, por ser um ambiente livre do monitoramento e do controle do Estado, somada às suas características interativas, mostra-se um ambiente propício para a organização de grupos como o Movimento 6 de Abril. Qualquer cidadão descontente com a política adotada pelo governo egípcio poderia agrupar-se com outros cidadãos descontentes, ou com simpatizantes ao movimento de outras partes do planeta, e participar das discussões anti-Mubarak nos *sites* de redes sociais.

Essa disseminação das informações do caso egípcio pela rede, e também por outros meios de forma transmidiática (JENKINS, 2009), apresentou uma nova visibilidade (THOMPSON, 2008, p.20), desterritorializada, comunicando ao mundo diversas informações sobre o fato, em tempo real. Em decorrência desses fatos, a imprensa internacional voltou suas atenções para o Egito, atraindo mais adeptos ao movimento, tanto no Facebook, quanto na Praça de Tahrir, na cidade do Cairo.

Embora a internet facilite o agrupamento e as relações entre indivíduos ela não constitui uma ferramenta que confere poder absoluto aos seus usuários. Conforme defende Evgeny Morozov:

Os regimes fracos vão cair com ou sem a internet. Que ela tenha ajudado no caso do Egito e da Tunísia é ótimo – mas não devemos esquecer que os governos que caíram não eram exatamente peritos em controlar a internet. Hosni Mubarak nem banuiu sites no Egito. (SORG, 2010).



O poder da manifestação em grupo por meio da internet está restrito a locais em que o Estado não controla a rede. Países como a China e a Rússia monitoram a internet e reprimem de forma ostensiva as manifestações que ameacem o poder do Estado. Conforme mencionado por Castells (1999), os detentores do poder na sociedade são aqueles que dominam e controlam o conhecimento e a informação. O domínio absoluto destes governos é obtido: empregando-se o conceito do panóptico social (FOUCAULT, 1977) em que o governo está ao centro, vigiando e punindo aqueles que se opõem poder; e dominando as tecnologias.

A principal colaboração da internet e dos *sites* de redes sociais na sociedade pós-moderna está relacionada à sua capacidade de agrupar pessoas que têm o poder de expressão e constroem juntas uma inteligência coletiva (LEVY, 1996). A influência das informações que trafegam neste meio não é determinada exclusivamente pelo meio, mas depende da capacidade de relacionamento, organização e disseminação de informações entre os interlocutores.



REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1977.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LORETO, Daniela. **Protestos no Egito são planejados há 1 ano pela internet, diz ativista**.

Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/867620-protestos-no-egito-sao-planejados-ha-1-ano-pela-internet-diz-ativista.shtml>>. Acesso em: 02 Abr.2011.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

NOTÍCIAS, Das Agências de. **Após 30 anos no poder, ditador Hosni Mubarak renuncia no Egito**.

Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/873730-apos-30-anos-no-poder-ditador-hosni-mubarak-renuncia-no-egito.shtml>>. Acesso em: 02 Abr.2011.

PRESSE, Da France. **Movimento anti-Mubarak teve início na internet**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/867363-movimento-antimubarak-teve-inicio-na-internet.shtml>>. Acesso em: 02 Abr. 2011.

PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SORG, Leticia. Evgeny Morozov: "**A internet acelera o fim de regimes fracos**". Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI213951-15227,00->

[EVGENY+MOROZOV+A+INTERNET+ACELERA+O+FIM+DE+REGIMES+FRACOS.html](http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI213951-15227,00-EVGENY+MOROZOV+A+INTERNET+ACELERA+O+FIM+DE+REGIMES+FRACOS.html)>.

Acesso em: 07 Abr. 2011.

THOMPSON, John B. **A nova visibilidade**. Disponível em:

<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/view/5230/5253>>. Acesso em: 02 Abr. 2011.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**. 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 1980. 491 pp.

VEJA, Revista. **Sufocada por 30 anos, oposição tenta se articular no Egito**. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/manifestacoes-no-egito-sao-movimento-popular-de-insatisfacao-contr-governo>>. Acesso em: 03 Abr.2011a.

_____. **Egito em números**. Disponível em:

<<http://veja.abril.com.br/galerias-infograficos/afp/EgitoEcoSocPT3101/egito-numeros.shtml>>.

Acesso em: 03 Abr. 2011b.